

ABRIGO TEMPORÁRIO DE ANIMAIS EM ENCHENTES: DESAFIOS LIÇÕES NO SUL DO BRASIL

**LUCAS ALMEIDA DE SOUZA¹; IUR TRINDADE DE ALMEIDA²; OTÁVIO SCHILD
SMITHS³; EVANDRO DOTTO DIAS⁴; YAN WAHAST ISLABÃO⁵**

CAMILA BELMONTE OLIVEIRA⁶:

¹*Universidade Federal de Pelotas – lucasa.medvet@gmail.com*

²*Universidade Católica de Pelotas – iur.kod@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – otaviosmiths@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – evandrodtto@yahoo.com.br*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – yanwahast06@gmail.com*

⁶*Universidade Federal de Pelotas – camilabelmontevet@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, foi observado um aumento significativo na frequência e intensidade de eventos climáticos extremos em todo o mundo. O mais recente relatório do IPCC - Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (6º Relatório de Avaliação) destaca o aumento dos eventos climáticos extremos em diversas regiões destacando as consequências diretas das mudanças climáticas globais. No Brasil, quando ocorrem eventos de grande escala onde o poder público tem de atender as pessoas rapidamente, os espaços públicos utilizados são os que oferecem proteção e abrigam uma grande quantidade de indivíduos, como, por exemplo, as escolas e ginásios (COSTA *et al.*, 2017).

A enchente que devastou diversas cidades do estado do Rio Grande do Sul em abril/maio de 2024, trouxe à tona a vulnerabilidade de seres humanos e animais frente aos desastres naturais (FANTINEL *et al.*, 2024). De acordo com a informação da Tv Senado do dia 22 de maio de 2024 foram resgatados das enchentes na região Sul do Brasil mais de 12 mil animais. Para enfrentar essa situação, um grupo de voluntários criou um abrigo temporário, oferecendo refúgio, comida, carinho e cuidados veterinários aos animais afetados na região do bairro Laranjal/Pelotas/RS.

A dificuldade de abrigar animais em espaços destinados a socorrer vítimas de desastres, como enchentes resulta em muitos casos no abandono de animais, pois a prioridade é o resgate humano. Isso ocorreu em tragédias como a de Brumadinho e Mariana, onde os animais não puderam ser levados com seus tutores. A situação destaca uma lacuna nas políticas de resgate em desastres. Perrota e Matlombe acrescentam: (...)que argumenta que o socorro de animais é frequentemente negligenciado em favor de medidas focadas exclusivamente em humanos (PERROTA *et al.*, 2022).

A criação de abrigos temporários em situações de crise, como a enfrentada nesta ocasião, é um tema de relevância na área de gestão de desastres e bem-estar animal, destacando a importância da prontidão e da mobilização comunitária (MATLOMBE *et al.*, 2019). Nesse sentido, o eixo estruturante do presente estudo é a discussão e a reflexão, através de um relato de experiência sobre o trabalho voluntário em abrigo de cães resgatados durante o período de catástrofe climática

ocorrida nos meses de maio a julho de 2024 no município de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul (RS).

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O desenvolvimento metodológico foi constituído por duas etapas, a primeira, foi a de observação do local e de sua estrutura, que possibilitou conhecer a estrutura de funcionamento do abrigo e a etapa de atividades práticas, envolvendo o manejo com animais e a limpeza e organização do abrigo. O abrigo temporário de animais estava localizado na cidade de Pelotas-RS no bairro Laranjal, onde foi construído através de materiais doados pela comunidade, em um espaço comercial desativado. O espaço foi criado dentro de dois dias de trabalho, concomitantemente com a chegada de animais resgatados, tendo o início de suas atividades em 10 de maio de 2024, sendo ininterruptas diuturnamente durante os 60 dias subsequentes. As informações sobre a estrutura do Abrigo, o número de voluntários e animais resgatados pela comunidade e poder público, foram obtidas através de registros realizados pelos voluntários.

A estrutura física do abrigo era composta por baías na área interna do prédio e baías na área externa feitas de pallets de madeira, a área interna era dividida: espaço veterinário, e 43 baías internas. Na área externa havia 32 baías que foram montadas no local de estacionamento do imóvel que foi estruturado com lonas e transformado em espaço para abrigar o restante das baías. O abrigo recebeu animais resgatados pela Defesa Civil, tutores, voluntários e equipes do Corpo de Bombeiros. Na chegada destes animais, era realizado um cadastro de identificação, sendo que alguns destes foram deixados no local sem nenhuma informação, principalmente os cães resgatados por civis em ruas alagadas dos bairros Laranjal, Z3 e Pontal da Barra.

O abrigo alcançou sua capacidade máxima ao abrigar 120 animais, aproximadamente 90 desses possuíam tutores. Nesse contexto, esforços foram feitos para identificar e localizar tutores de animais deixados sem identificação. Os animais sem identificação, após 45 dias foram encaminhados para adoção, seguindo procedimentos para serem remanejados aos novos lares. Nessa perspectiva, há uma estimativa de que 75% foram eventualmente reunidos com seus tutores. Esta alta taxa de retorno aos seus lares pode ser atribuída à quantidade de pessoas que ficaram desalojadas devido ao grande impacto da enchente na cidade, tendo que deixar seus animais em abrigos temporários. Em torno de 25% dos cães foram para a adoção no abrigo, chegando ao encerramento das atividades do abrigo à taxa de 100% dos animais resgatados de volta aos seus lares, e os de adoção realocados em novos lares definitivos. No abrigo, todos os animais foram vacinados contra raiva, Cinomose, Parvovirose, Coronavirose, Hepatite infecciosa canina, Adenovírus tipo 2, Parainfluenza, Leptospirose e Bordetella bronchiseptica e receberam tratamento antiparasitário, havia animais enfermos, com infecções de ouvido, oculares, articulares, lesões de pele e Tosse dos Canis, estes foram tratados para as doenças supracitadas. Aqueles que necessitavam de atendimento especializado eram encaminhados para o Hospital Veterinário da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

O abrigo registrou um óbito de forma indireta, uma cachorra resgatada foi tratada no abrigo e internada no Hospital Veterinário devido a retenção de líquido

abdominal, diagnosticada com uma pancreatite aguda. O envolvimento dos voluntários diuturnamente foi fundamental para a construção e funcionamento do abrigo. Entretanto, nos primeiros dias da enchente cerca de 200 voluntários participaram da construção e organização do espaço, mas com o passar das semanas houve a queda significativa dos voluntários quando dada a demanda da rotina de passeio, limpeza e manutenção. A partir da primeira semana, este número diminuiu significativamente, estabilizando em aproximadamente 30 voluntários ativos, e, reduzindo a apenas 9 pessoas nas semanas finais de atividade. Estes voluntários se revezavam em turnos para realizar tarefas como limpeza das baías e do espaço, alimentação, passeios, plantões de madrugada, cuidados veterinários e apoio nas feiras de adoção, além da campanha em plataformas digitais.

As doações foram essenciais para o funcionamento do abrigo e foram realizadas durante o período de vigência do local. A comunidade local demonstrou grande solidariedade e empatia, contribuindo com ração, medicamentos, materiais de limpeza, camas, cobertores, coleiras, guias, jornais, papelão e outros itens necessários. Além disso, uma parceria de professores da UFPel, Hospital Veterinário/UFPel e de empresas farmacêuticas possibilitou doação de vacinas (Rinotraqueite e Polivalente) o que foi importante para garantir a saúde dos animais abrigados.

A experiência do voluntariado causou um impacto emocional e físico sobre os voluntários. Muitos daqueles que participaram relataram sentimentos de exaustão e estresse. Também ocorreram casos de ataques moderados e leves entre os cães e aos voluntários. Além disso, ocorreram acidentes como, quedas durante os passeios, contusões e fraturas. Em tempos difíceis, a solidariedade e o trabalho em equipe fortalecem tanto a comunidade quanto os voluntários, demonstrando o poder coletivo de enfrentar adversidades e promover uma sociedade mais resiliente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do abrigo temporário revelou tanto o poder da solidariedade comunitária, comprometimento, quanto as limitações que surgem em situações de crise. A mobilização inicial e a manutenção das atividades pelos voluntários junto ao apoio recebido, foram cruciais para o sucesso da iniciativa, permitindo que muitos animais fossem resgatados, e, eventualmente, adotados. No entanto, a diminuição do número de voluntários ao longo do tempo destacou a necessidade de estratégias de engajamento mais sustentáveis, que possam garantir o apoio contínuo em operações de longo prazo, como foi o caso dessa calamidade. Um outro ponto de reflexão é a questão do abandono de animais em situações de desastre. Nesse caso, embora muitos tutores tenham reencontrado seus animais, um número significativo permaneceu sem reivindicação, sugerindo que alguns podem ter sido abandonados intencionalmente. Essa reflexão pode levantar questões éticas e práticas sobre a responsabilidade dos tutores e a necessidade de políticas públicas que incentive a proteção e o bem-estar animal em situações de emergência.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IPCC, 2021: Climate Change 2021: **The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change** [Masson-Delmotte, V., et al. (eds.)]. Cambridge University Press.

COSTA, Fernando G.; FLAUZINO, Regina F.; NAVARRO, Marli B. M. A.; CARDOSO, Telma A. O. **Abrigos temporários em desastres: a experiência de São José do Rio Preto, Brasil.** Rio de Janeiro: Saúde Debate, 2017. v.41, p.327337.

PERROTA, Ana Paula. **Animais Domésticos e Desastres:** entre a preocupação sanitária e humanitária. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 37, nº 108, 2021.

Portal Inmet. Publicado em 04/12/2023 08h00. Última modificação 04/12/2023 10h01. Acessado em 02 de setembro de 2024. Online. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/noticias/2023-%C3%A9-o-mais-quente-em-174-anosconfirma-relat%C3%B3rio-da-omm>

FANTINEL, L. A **Intrusão das Águas.** Caderno de Administração, Rio Grande do Sul: Redalyc, 2024. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/7338/733878577001/733878577001.pdf>.

MATLOMBE, L. F. **Participação das Comunidades Vulneráveis na Gestão do Risco de Inundações no Baixo Limpopo-Moçambique.** 2019.

Acesso em: 16 set. 2024 Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/98442/1/Matlombe_2019.pdf.